

Regional

LENDAS NO NOROESTE DO ESTADO

# Mistérios às margens do Rio Doce

Cratera gigante, pedra que emite som de sino e ave rara são alguns dos fatos em torno do rio que intrigam até mesmo pesquisadores

Nilo Tardin  
COLATINA

A lenda da Serra das Esmeraldas descrita em 1572, como sendo toda de cristal fino cheia de pedras verdes e azuis, foi a primeira das grandes histórias e mistérios guardados pelo Rio Doce — que corta três municípios do Norte e Noroeste do Estado — que despertaram cobiça, curiosidade e medo ao longo dos séculos.

Se a fantástica montanha de ouro e pedras preciosas nas nascentes do rio contribuiu para a ocupação do Espírito Santo e de Minas Gerais pela coroa portuguesa, conforme narram os pesquisadores Henrique Lobo e Romeu Teixeira

NILO TARDIN



FRANCISCO mostra a pedra oca

no livro “O Vale do Rio Doce”, outros segredos continuam a povoar a imaginação dos ribeirinhos e a intrigar cientistas.

Uma cratera de 9,6 km de diâmetro entre Baixo Guandu, no Estado, e Aimorés (MG) é um dos segredos ainda não revelados pela ciência. “Existem duas teorias”, diz Henrique Lobo. Segundo ele, pode ser o impacto de um asteroide ou um vulcão extinto que sofreu erosão.

O Rio Doce tem 853 km de extensão e é peça-chave no desenvolvimento das 228 cidades que foram sua bacia hidrográfica, onde vivem 3,5 milhões de pessoas.

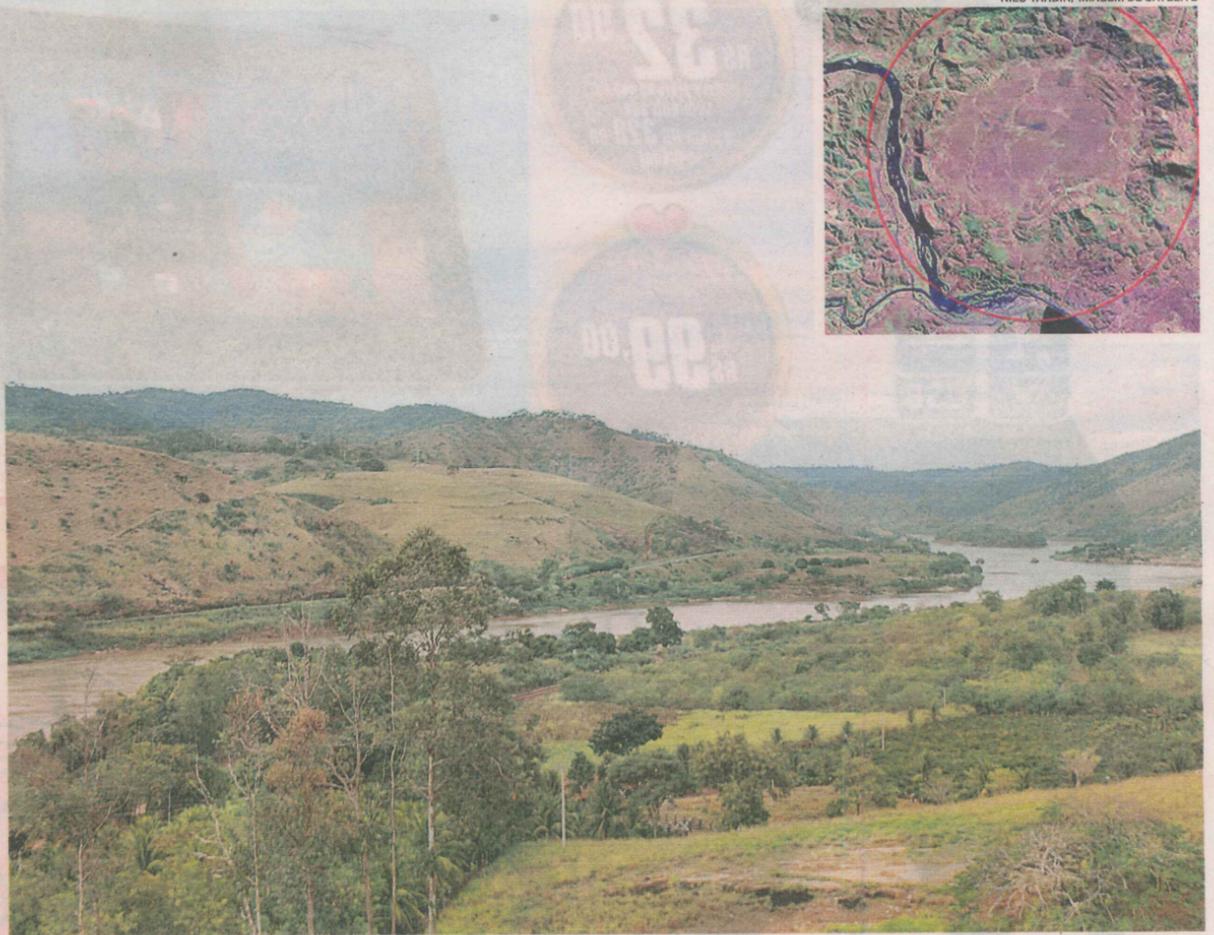
A existência de uma ave rara — o Bacurauzinho-da-Pedra — que só vive nos lajedos do Rio Doce e está ameaçada de extinção, é o indicador da fragilidade dos ecossistemas do rio, afetado pelo lixo e esgoto doméstico.

Uma rocha blindada por fora e oca por dentro, recolhida durante a escavação de uma galeria em Baixo Guandu, reproduz o som de um sino. Ela enfeita a entrada da casa do pecuarista Francisco Barros. “Um geólogo me disse que é lava solidificada em contato com a água”, contou Barros.

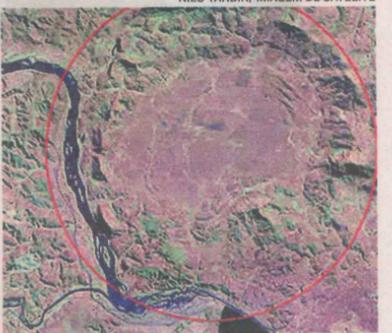
SAIBA MAIS

Rio corta 228 cidades

- > O RIO DOCE nasce na Serra da Mantiqueira em Minas Gerais.
- > TEM 853 KM de extensão cuja bacia hidrográfica é formada por 228 cidades — 202 em Minas e 26 no Espírito Santo — onde vivem 3,5 milhões de pessoas.
- > AS PRINCIPAIS cidades da bacia são Governador Valadares (MG), Colatina e Linhares (ES). No Estado, o rio corta três cidades: Baixo Guandu, Colatina e Linhares.



RIO DOCE nasce em Minas e corta cidades capixabas. Foto de satélite (destaque) mostra cratera em Baixo Guandu



NILO TARDIN/IMAGEM DE SATÉLITE

CASOS



MARCELO VASCONCELOS - 1997

Ave rara

O destino do Bacurauzinho-da-Pedra (*Caprimulgus hirundinaceus vielhardi*), uma ave de aproximadamente 15 cm que só vive às margens do Rio Doce, é incerto, assegura o ornitólogo Rômulo Ribon. O pássaro foi identificado por Ribon e Marcelo Vasconcelos em 1997.

“Não encontramos mais a espécie nos últimos anos. A destruição ameaça esses lajedos que existem há mais de 10 mil anos”, destaca Ribon.

## Comunidade vive da pesca

A pesca no Rio Doce é uma das poucas atividades econômicas que ainda garantem o sustento de alguns dos moradores de Itapina, distrito a 35 km do centro de Colatina, com cerca de 1.000 habitantes.

A aposentada Ida Matilda Carneiro, 84 anos, relembra com saudade os tempos em que o distrito contava com cinema, casa de saúde, posto de gasolina, loja de carros, armazéns de sacas de café e uma movimentada vida social.

“Acabou tudo do dia para a noite,

quando a rodovia foi para o outro lado do Rio Doce”, conta.

O escultor Éder Simões Assunção, 48 anos, deixou a vida agitada de Governador Valadares (MG) há cinco anos e foi morar em Itapina, segundo ele, em busca de paz.

Mas, como viver de arte não lhe garantia o sustento, a sobrevivência veio das águas do Rio Doce. “Itapina não tem renda própria. Viver da pesca é uma das poucas opções”, disse Éder, exibindo um enorme dourado fígado no anzol.

NILO TARDIN



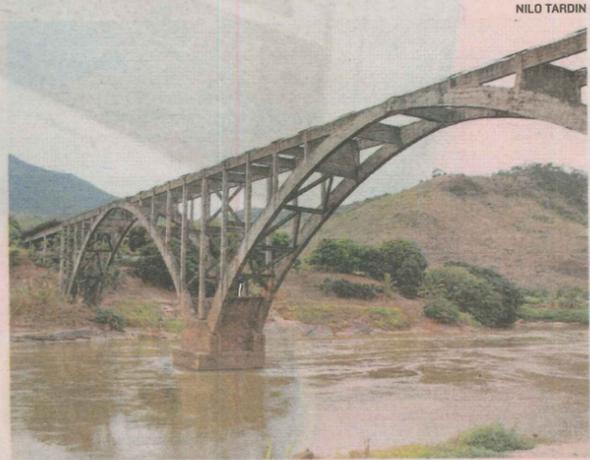
ÉDER SIMÕES mostra o peixe fígado no anzol. À direita, a aposentada Ida Matilda Carneiro lembra os bons tempos de Itapina



REPRODUÇÃO NILO TARDIN

Navio a vapor soterrado

O ponto exato onde afundou o vapor Juparanã, que navegou o Rio Doce entre Colatina e Regência de 1926 até o final da década de 40, continua a provocar polêmica. O navio tinha 26 metros de comprimento e 6 metros de largura e capacidade para 300 pessoas. “Encalhou e foi soterrado na década de 70 no aterro da Beira-Rio, onde é hoje o Ed. Sheyla 2”, garante o topógrafo Adirceu Speradio.



NILO TARDIN

Ponte liga nada a lugar nenhum

O centro histórico de Itapina, distrito a 35 km do centro de Colatina, convive com a estrutura de concreto de uma ponte inacabada sobre o Rio Doce que liga nada a lugar nenhum. O pedreiro José Henrique Favoretti, 48 anos, lembra que o local perdeu a importância econômica depois que a construção da ponte foi abandonada na década de 50. “Muita gente fez casa com ferragem da ponte. Só restou o esqueleto”. Segundo ele, a única movimentação no distrito é uma vez por ano com o Festival Nacional de Viola (Fenaviola).